

ROLIM DE MOURA

A Capitania, o Homem e a História

Luis-Philippe Pereira Leite

Na passagem política e administrativa de Mato Grosso, dos primórdios da segunda metade do século XVIII, destaca-se a figura singular do estadista que foi Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, primeiro Capitão-General e Governador da Capitania.

Vale notar como na primeira parte daquele século os fatos aconteceram desde a formação do Arraial da Forquilha que o bandeirante Pascoal Moreira Cabral oficialmente fundou sob a invocação de Nossa Senhora de Penha de França, padroeira dos navegantes, em oito de abril e 1719, às margens do Coxipó Mirim, mais ou menos a dezoito quilômetros da sua foz, do Rio Cuiabá.

Três anos e pouco se passaram e outro bandeirante, Miguel Sutil de Oliveira, descobre, em outubro de 1722, grande porção de ouro no seu sítio, nas fraldas da colina de Nossa Senhora do Rosário e às margens do Córrego Prainha, também caudatário do Cuiabá.

Estas novas lavras atraíram todos os mineradores estabelecidos em Forquilha e muitos outros convergiram para as minas do Sutil, cuja fama transpôs rios e mares.

Assim é que, em conseqüência, surgia a Capitania de São Paulo com o desmembramento de parte da das Minas Gerais e a incorporação das lavras do Sutil.

Logo o reino português determinava, em 1726, ou seja, quatro anos após a preciosa descoberta, que Dom Rodrigo César de Meneses, Capitão-General da nova Capitania de São Paulo, se deslocasse para Cuiabá e aqui foi presente a sua elevação à vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em 1º de janeiro de 1727.

A tônica era a cobrança dos quintos com maior rigor e eficácia, a ponto de muitos mineradores abandonarem a Vila, originando

a descoberta de novos, tentadores e promissores núcleos de mineração, muitos dos quais se firmaram com o passar dos tempos.

A luta nesta fase foi renhida. A tenacidade no trato das pessoas extrapolou os limites naturais. O sangue jorrou muitas vezes sem apelo e a autoridade pública encontrou sérias dificuldades para conter os motins e os levantes.

As cortes de Espanha e Portugal preocupavam-se sobremaneira com a demarcação das fronteiras para definir os respectivos domínios. Já se preparava, nos bastidores, aquele que seria no futuro próximo o Tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750. Foi neste ambiente que Portugal, pelo seu Conselho Ultramarino, decidiu criar a Capitania de Mato Grosso pela Carta Régia de 9 de maio de 1748. Determinava a Carta a Gomes Freire de Andrade, então Capitão-General e Governador da Capitania até que seu titular assumisse efetivamente o seu posto.

O fato explica a razão pela qual em chegando a São Paulo, Rolim de Moura buscou contato com Gomes Freire de Andrade, a cujo encontro seguiu. No roteiro por ele delineado, consta a respeito:

Quanta terra e quanta água tenho passado, depois que vos escrevi! Rios tão caudalosos, matas tão espessas e campos tão dilatados, que fazem admiração, principalmente a quem vem de uma terra tão apertada como o nosso Reino. Desejara lembrar-me e saber ordenar tudo quanto passei e vi, e que não só vos servirá de divertimento, pela novidade, mas também a mim de desafogo e alívio.

Havendo em São Paulo acabado de escrever para a frota e tendo recebido carta de Gomes Freire, de que era muito conveniente ao serviço de El-Rei vermo-nos em Parati, me pus a cavalo no primeiro de abril. Por estarem os meus Oficiais de Ordens doentes, levei comigo o Capitão em lugar deles e três Dragões para me servirem de escolta ditas bestas de carga com bem pouco provimento para poderem acompanhar-me dois criados e alguns pretos.

Este pequeno trem custou bastante a por pronto, sendo-me necessário comprar a maior parte dos cavalos pelos não haver, naquela terra, de aluguel. Acompanhou-me também o Ouvidor de S. Paulo, belo para semelhantes funções, porque não atura sol, nem está na sua mão o madrugar.

Saimos enfim da cidade já tarde por mor dele e para mais ajuda, erramos, por cuja causa andamos de noite umas poucas de horas por estrada que ainda de dia se passa sem dificuldade, cheia de pontes, de ribeiros e de atoleiros terríveis. Estas dificuldades me embaraçaram chegar ao sítio, que assim chamam cá, aos casais, aonde me esperavam, e fiquei noutro, em que não havia nada de comer para a gente, nem para os cavalos. No dia seguinte fui jantar a Mogi, marchando um grande pedaço através de várzeas larguíssimas, mas inúteis pela opinião, em que está a gente da América de que só em roçar, ou plantar: a Vila é pequena, como todas as que eu vi na Comarca de S. Paulo, porque a maior parte dos moradores assistem nos seus sítios aonde lhe vai o tempo em cachimbar e em balançar-se na rede em camisa e ceroulas, no seu vestido ordinário, e mandando os seus carijós, adquiridos pelo sertão com grandes trabalhos, e não menos ofensas a Deus. Daqui, fui dormir a uma Fazenda dos Padres do Carmo, e no outro dia, a Jacarei, que também falando mal, é Vila, parece-me terá meia dúzia de casas, tão pobres que a Câmara me esperou de capote.

O tempo que Gomes Freire tardou por causa da frota, me serviu de divertimento passear por esta baía em uma canoa que, sem embargo de me assegurarem, ser a menor de três, que se haviam tirado do mesmo pau, levava seis remos de viga, e na popa acomodava seis, e sete pessoas; finalmente se não diferenciava de um escaler de seis remos. Gomes Freire quando chegou me fez muita festa e agasalho. Achei-lhe a mesma viveza, desembaraço e a muita disposição em que sempre o conheci. Todas as manhãs, me foi buscar a casa aonde jantei, ceei sempre com seus oficiais e as pessoas que haviam ido comigo, o que me não me era possível na minha, tendo-se preciso vir àquela jornada tão escoteiro, como já disse. Não se lhe pode duvidar a capacidade, nem o

zelo com que serve El-Rei e com grande desinteresse e limpeza de mãos e se ele tiver alguma coisa em que a consciência o acuse, parece-me será mais depressa por puxar demasiado para a Fazenda real, que por deixar perder coisa alguma dela. É ativo e prudente, sofredor, quando é necessário; não obra coisa alguma sem tenção; é polido e atencioso com os seus súditos. Finalmente, tenho-o em conta de bom Governador.

No primeiro de maio, me pus a cavalo e às onze, cheguei a S. Paulo, cuja jornada fiz com grande descanso, havendo largado a companhia do Ouvidor por ficar logo em Guaratinguetá, começando a correição. Ao amanhecer me punha em marcha e ao meio dia, até a uma hora, me arranhava, com o que me livrava do maior calor, que nestas terras começa do meio dia e dura quase até o por do sol.

Rolim de Moura pouco demorou em São Paulo e logo seguiu para Sorocaba, ali permanecendo o tempo necessário para preparar a monção que o levaria a Cuiabá, pelo Tietê, Rio Grande, Rio Pardo, Taquari, Paraguai e São Lourenço. Até o próprio Cuiabá. Da retrospectiva desse percurso, salienta as perseguições dos insetos e destaca, com maior ênfase, o Sítio de Camapuã:

Fica o dito sítio ou Fazenda e Camapuã à borda de um pequeno rio, do qual toma o nome, como ali não há outro morador, tem ele toda a largura que querem os seus donos, que são quatro em uma sociedade para se utilizarem dos lucros que são grandes nas carregações das canoas e fazendas e no mantimento que vendem aos passageiros. Tem sempre grande abundância de milho, farinha do mesmo, feijão, arroz, porcos e vacas, das quais se não sabe já o número pela largueza dos pastos e se vive ali um dos sócios com alguns camaradas brancos e bastante pretos, expostos aos ataques dos Caiapós, e sem missa, nem quem os confesse em caso de perigo, ao mesmo tempo que a distância é tão grande para qualquer dos povoados. Tem aquele sítio casas de sobrado muito suficientes para a parte em que estão, pois nelas me acomodei com todos os oficiais e família; estão dentro de um pátio fechado, em que se pode tourear. Além destas altas, em que eu fiquei, tem outras mas no mesmo pátio, e juntamente capela

com mais asseio do que ali se podia esperar. Neste sítio me despi pela primeira vez, o que até então não tinha feito desde o princípio de viagem, exceto para mudar de roupa, tanto a fim de estar mais pronto para as madrugadas que sempre eram pelas três horas da manhã, principalmente depois que saí do Tietê, porque naquele rio me levantava mais tarde alguma coisa, em razão de não poder sair cedo por causa das névoas que são de todos os dias, e em alguns se estende até muito tarde, e por causa das cachoeiras se não pode navegar naquele rio com elas. Antes, me vi uma vez obrigado a fazer alto até que aclarasse a serração que trouxe uma trovoada, pois é preciso que esteja bem claro para os pilotos conhecerem as pedras que estão debaixo da água. Também tirava daquela prática a conveniência de me resguardar melhor dos mosquitos, os quais perseguem muito em todo o tempo da viagem.

Até ali, experimentei de três castas, uns pequenos a que chamam pólvora pela grande comichão que fazem, outros borrachudos, que são maiores e barrigudos, que logo que mordem tiram sangue, cuja nódoa fica por muitos dias e com dor; os terceiros, que mais propriamente são moscas pequenas me perseguiram mais quando saía ao campo à caça. Não picam, mas buscam os olhos com tal prolixidade, que sempre andava nas diligências de os tirar deles e que algumas vezes nos fez agravar.

Além destas sevandijar houveram partes em que nos enchemos de carrapatos os quais se ferravam no corpo e faziam proteja e comichão desesperada. Para os tirar foi preciso lavar-me, ou melhor dizer, sujar-me com água de tabaco de fumo, que é o que os faz cair. Também pelo Rio Pardo encontramos umas formigas que aonde chegam roem tudo a um dos missionário, em uma noite, lhe deixaram a roupa incapaz de vestir e outras pessoas mais perderam vários trastes dos seus vestidos.

O Homem

Em 22 de setembro do mesmo ano, em carta régia, era Rolim de Moura designado por El-Rei para aquela altíssima função exercida provisoriamente por Gomes Freire de Andrade, Governador da Capitania do Rio de Janeiro, por determinação da própria carta régia liminar, até 17 de janeiro de 1751, quando Rolim de Moura entrou em exercício na Vila Real do Cuiabá, foi somente em 14 de dezembro que Rolim de Moura chegou à região Guaporeana, sítio escolhido para a sede da Capitania, fundada em 19-3-1752, sob a invocação da Vila Bela da Santíssima Trindade.

Segundo Augusto Leverger, Barão de Melgaço, o bretão que se cuiabanizou, o primeiro Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, D. Antônio Rolim de Moura Tavares, teria chegado a Cuiabá em 12 de janeiro de 1751, tomando posse, 5 dias após, no governo. A sua viagem, segundo relata Estêvão de Mendonça, foi feita por via fluvial desde São Paulo, pelo Tietê, Pardo, Taquari, Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá, integrando sua comitiva vinte e tantas canoas, e com o governador vieram o Juiz de Fora Dr. Teotônio da Silva Gusmão, jesuítas Agostinho Lourenço e Estêvão de Castro, uma companhia de dragões com 54 praças, secretário e ajudante de ordens.

De Lisboa trouxe uma carta instrutiva sobre como proceder no tocante à fronteira ocidental, pelo que se depreende que já naquela época Portugal tinha nítida compreensão da importância da fronteira do Rio Guaporé, classificada nas ditas instruções como "*chave e propugnáculo do sertão do Brasil*".

Rolim de Moura era o reflexo fiel do empenho com que a metrópole procurava assegurar o domínio naquela região, pois era um militar disciplinado, qualidade a que reunia um temperamento de rara energia, de caráter leal e generoso, se bem que arrebatado, possuía um misto de bondade e violência. Todas estas qualidades somadas a uma invejável inteligência, tornaram-no um homem precioso para a Colônia, talhado naturalmente para suportar as conseqüências da frente que o governo português ia abrir na parte mais ocidental do sertão mato-grossense.

Rolim de Moura entendeu a importância de sua missão e a necessidade da sua presença naquela região, tanto que só demorou-se em Cuiabá o tempo indispensável para colocar em execução várias medidas.

Após uma marcha de 34 dias por caminhos mal trilhados, a 7 de dezembro seguinte, alcançou a margem esquerda do Guaporé, de onde prosseguiu viagem em uma canoa, e a 14 chegou a Pouso Alegre, sítio em que veio a fundar a antiga capital de Mato Grosso.

Governou Rolim de Moura quase quatorze anos e a sua tenacidade serviu de barreira, de encontro à qual os espanhóis receberam os primeiros choques em empenho de dominarem o aquém Guaporé.

A sua atividade e preocupação maiores no seu governo foi sempre a defesa da fronteira, não se descuidando, todavia, da ordem administrativa e outros melhoramentos, tendo dado muito impulso à lavoura da cana.

Visconde de Taunay registra que múltiplos e assinalados foram os serviços tudo de mistura com muita prepotência e ilimitado arbítrio e Roque Leme afirma que *a pesar-se os prós e os contras de seu governo parece que seus serviços poderiam ter sido melhores e menores as violências e sofrimentos do povo.*

O que não se pode olvidar é que seu modo de agir tinha que ser severo e rígido para correr parelhas com a índole do povo, sendo, todavia, moderado e conciliador conforme a situação e os acontecimentos.

Assim estudado, sem prevenções antecipadas, Rolim de Moura reclama um culto de todos os corações, e esse culto será justo, como justas foram as recompensas que em vida recebeu do severo Pombal ao deixar as rédeas do governo de Mato Grosso.

Rolim de Moura, ao deixar o governo de nosso Estado, foi governar o Estado da Bahia, o que fez até 31 de outubro de 1767, foi ao depois Vice-Rei do Brasil e veio a falecer em Portugal no ano de 1782, agraciado com o título de Conde de Azambuja.

A História

O jovem pesquisador mato-grossense Otávio Lins Canavarros, que percorreu preciosos arquivos europeus, inclusive aqueles das grandes ordens medievais, apreciou alguns expostos quando da abertura, na Universidade Federal de Mato Grosso, da Exposição comemorativa do bi-centenário da morte de Antônio Rolim de Moura, sob os auspícios das nossas entidades culturais e assim o fez ele:

Resenha dos documentos:

Os 14 documentos foram produzidos entre 1758 e 1767. Apenas um, o de 1767 e do governo do Capitão-General João Pedro da Câmara. Neste período, o que ocorria? Tentativa de assassinato do soberano de Portugal, com implicações de jesuítas (1758), guerra dos Sete Anos (1756/63), negociações de novo Tratado de Limites Coloniais, culminando no Tratado do Pardo (1761), morte de Fernando VI de Espanha e subida de Carlos III (1759) e criação do Erário Régio (1761). Em relação à Companhia de Jesus, as três expulsões: de Portugal (1759), da França (1764) e da Espanha (1767). Eis o grande painel cronológico coevo.

Azedume contra inacianos transpira dos papéis. Nota-se claramente que de origem lisboeta. Pela carta de Felisberto Leite Pereira podemos observar até uma certa condescendência com o prisioneiro jesuíta. Essa luta teve como desdobramentos coloniais a colocação, em ordem-do-dia, do problema dos índios (Abolição do cativo e criação do Diretório dos Índios, de curta duração) e do ensino no Brasil, com a criação das aulas régias, para substituir os estabelecimentos religiosos. O fato de possuímos apenas dois representantes da Companhia, chegados com o Governador da capitania, serviu de atenuante de conflitos. No episódio, D. Antônio Rolim de Moura demonstrou fidelidade de súdito e cortesia de diplomata.

O que podemos perguntar mais aos documentos? Sobre o Grande Império que nos fala Corte Real em sua carta, por exemplo. Datada de 1758, três anos após o terremoto, época em que se cogitou, mais uma vez, da transferência da sede do Reino para o Brasil. Falou-se no Rio de Janeiro, logo depois do Vice-Reino, e mesmo em Belém do Pará, onde até a pouco tinha servido Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Pombal. O projeto seria o domínio da Amazônia, daí a preocupação das fozes, pois diz o adágio que quem domina a foz, domina o rio. As futuras construções pombalinas de Coimbra e Príncipe da Beira tendem a confirmar a hipótese. O interessante é que afirma ou tendem a confirmar a hipótese. O interessante é que afirma o missivista não constituírem Mato Grosso, Pará e Maranhão apenas um Estado, quando legalmente era a nossa capitania integrante do Estado do Brasil. Os laços da Cia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão com Mato Grosso eram tão fortes que, em 1774, foi extinta a divisão administrativa da Colônia, em vigor desde 1621.

Outro aspecto interessante dos documentos é a oficialização do contrabando nas fronteiras (Carta de Francisco Xavier ao Governador João Pedro da Câmara). O comércio com a Inglaterra e desta com o Oriente explicam a necessidade da prata, metal de primeira ordem fora do circuito comercial atlântico.

A documentação é muito rica, poderíamos nos alongar, principalmente nas sutilezas dos costumes da política colonial. A tensão nas fronteiras, com a invalidação do Tratado de Madrid é grande. A Guerra dos Sete Anos, na Europa, insuflou os espíritos. A Colônia do Sacramento, a Capitania do Rio Grande de São Pedro foram invadidas e a situação só se normalizou com Santo Ildefonso. Nossas fronteiras foram ameaçadas por duas vezes, em 1763 e 1766/67. Esse clima de insegurança também é tônica nos manuscritos. Para concluir, diremos que, pelos poderes recebidos, o verdadeiro monarca era D. Antônio Rolim de Moura, não houvesse um Conselho Ultramarino que tudo sabia e queria...

A exposição rolineana foi o marco das comemorações bicentenárias do grande estadista que por primeiro governou a Capitania de Mato Grosso no século XVIII.